



# XII Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"



20 a 22 de Setembro de 2018 São Cristóvão/SE/Brasil

ISSN: 1982-3657 | PREFIXO DOI 10.29380

Recebido em: **15/08/2018**

Aprovado em: **15/08/2018**

Editor Respo.: **Veleida Anahi - Bernard Charlort**

Método de Avaliação: **Double Blind Review**

Doi: <http://dx.doi.org/10.29380/2018.12.04.03>

O CONHECIMENTO DE MUNDO COMO PONTE PARA O APRENDIZADO DA LÍNGUA  
ESTRANGEIRA

EIXO: 4. EDUCAÇÃO E INCLUSÃO

ALESSANDRA DOS SANTOS VIEIRA

## Resumo:

O presente artigo tem como objetivo mostrar a estrutura da língua inglesa e a forma pela qual ela é passada em sala de aula. Por meio de observações de aulas em uma determinada escola pública estadual, situada no estado de Sergipe, a análise deu-se nas turmas do EJAEF (Educação de Jovens e Adultos do Ensino Fundamental). O público alvo era na faixa de 17 a 47 anos, sendo a língua inglesa como disciplina de enfoque a ser verificada. A análise se deu por meio das descrições das aulas ministradas pelo professor e da interação ensino- aprendizagem da turma. Diante da exposição das aulas, observou-se o conhecimento de mundo como ponte para o aprendizado da língua estrangeira, dando assim base para os demais conhecimentos: o sistêmico e o conhecimento de organização textual.

Palavras – chave: Educação. Ensino. Interação. Aprendizagem. Inclusão.

## Abstract

The present article aims to show the structure of the English language and the way in which it is taught in the classroom. By means of observations of classes in a certain state public school, located in the state of Sergipe, the analysis was given in the classes of EJAEF (Youth and Adult Education of Elementary School). The target audience was in the range of 17 to 47 years, being the English language as a focus discipline to be verified. The analysis was made through the descriptions of the classes taught by the teacher and the teaching-learning interaction of the class. In view of the lectures, the knowledge of the world as a bridge to the learning of the foreign language was observed, thus giving base to the other knowledge: the systemic and the knowledge of textual organization.

Key-words: Education. Teaching. Interaction. Learning. Inclusion.

## Résumé:

Cet article vise à montrer la structure de la langue anglaise et la manière dont elle est enseignée en classe. Au moyen d'observations de classes dans une certaine école publique d'État, située dans l'État de Sergipe, l'analyse a été faite dans les classes de EJAEF (Éducation des jeunes et des adultes de l'école primaire). Le public cible se situait entre 17 et 47 ans, l'anglais étant la discipline principale à vérifier. L'analyse a été faite à travers les descriptions des classes enseignées par l'enseignant et l'interaction enseignement-apprentissage de la classe. Au vu des cours, on a observé la connaissance du monde en tant que passerelle vers l'apprentissage de la langue étrangère, donnant ainsi naissance à l'autre connaissance: le systémique et la connaissance de la organisation textuelle.

Mots clés: Education. Enseignemen. Interaction. Apprentissage. Inclusion.

## INTRODUÇÃO

A escola é um cenário de desafios, onde os protagonistas envolvidos são os professores, alunos e gestores administrativos. Como palco do acontecimento, temos a sala de aula, ambiente responsável por conduzir os alunos nos ensaios práticos da educação para o conhecimento transformador. Mediante a necessidade que nos é imposta, o saber nos remonta a uma melhor qualidade de vida e para tanto, vemos a importância de estar e fazer parte da escola para adentrarmos o mercado profissional. No tocante a educação, essa é um viés de grande instigação, uma vez que os investimentos públicos deixam a desejar. Se pararmos para pensar, tudo gira em torno da educação e por um lado, ela não está acessível a todos, embora as propagandas e programas apontem para o contrário.

Há uma inclusão que exclui, distancia, não aproxima o sujeito da escola; ou seja, não alcança a todos. A isso me refiro ao ensino escolar. Há um apontamento para quem a educação é destinada. Aqui vale

ressaltar: Como acabar com a evasão escolar Como inserir no cidadão que quanto mais estudo ele tiver, maiores serão as oportunidades de emprego A sociedade os classifica, os divide. São poucos os alunos das periferias que finalizam seus estudos e adentram a uma universidade. Há uma marginalização que os exclui e os determina.

Há um processo histórico que atua em nós silenciosamente, nos constituindo enquanto sujeitos. Trabalha de forma oculta, sem que percebamos, estamos submersos no processo. Segundo Haroche (1992, p.21, há “uma forma de poder que classifica os indivíduos em categorias, identifica-os, amarra-os, aprisiona-os em sua identidade”. Como trazer esse indivíduo para novas identidades Qual o papel da escola quanto a isso

A análise das reflexões que faremos aqui nos remonta a pensar sobre a educação de jovens e adultos, e o porquê dessa educação ser tardia. Nesse sentido, há uma ambiguidade e é interessante que falemos dela. Enquanto há uma inclusão de jovens e adultos ofertadas pelos parâmetros educacionais, houve uma exclusão destes, porque não tiveram a ensino escolar no tempo certo. Há um silenciamento embutido por trás de todo dizer e aqui acrescento “fazer”. Ao meu ver, se há o ensino de jovens e adultos, isso é uma prova de silenciar que houve exclusão escolar, ou seja, de algum modo a sociedade não agregou esses jovens e adultos no tempo devido. Para Orlandi (2007, p. 54):

Quando atentamos para o silêncio, tematizando razões “constitutivas”, fazemos o percurso da relação silêncio/linguagem e estamos no domínio do silêncio fundante. Quando circulamos pelas razões políticas, trabalhamos a dimensão do silenciamento na “formulação” dos sentidos.

Nesse sentido, para a autora há um silêncio fundador existente na circulação dos sentidos. Conforme já apontei anteriormente, esse silêncio se materializa na existência das modalidades de educação de jovens e adultos, como forma de reavê-los para o ensino escolar, inserção na educação, mesmo que tardia, ocultando nesse ínterim uma exclusão social. Seria uma oportunidade dada que em outrora não foi concedida

Permearemos agora por um caminho onde os conhecimentos são concebidos, tentando entender a forma como eles são aplicados. Os PCNs (1998) relacionam três conhecimentos que se articulam entre si e para tanto são importantes para a formação do aluno. São eles: conhecimento de mundo, sistêmico e de produção textual. Os conceitos de conhecimentos são de suma importância para que essa aprendizagem seja desenvolvida.

Sabemos que aprender uma língua estrangeira envolve dedicação e aproximação com a realidade do indivíduo. Pelos pressupostos do cognitivismo, o indivíduo não é uma tábua rasa, sem conhecimento, pelo contrário, ele possui internalizado dentro de si o conhecimento, ou seja, o cérebro percebe, aprende, recorda e pensa sobre toda informação captada, por intermédio dos cinco sentidos. Assim, os alunos ao adentrarem à escola, já possuem um conhecimento prévio, que só precisa ser aguçado, colocado para fora.

O estudo de uma língua estrangeira aumenta o conhecimento sobre a linguagem que o aluno construiu por meio de comparações com a língua materna. O processo de construção de significado de natureza sociinteracional se utiliza de três tipos de conhecimento: o conhecimento sistêmico, o conhecimento de mundo e o conhecimento da organização de textos. O conhecimento sistêmico se refere ao englobamento do léxico-semântico, morfológico, sintático, fonético etc. É com esse conhecimento que o aluno vai passar a construir seus discursos, diferenciar os gêneros, conhecer os referentes do texto. No conhecimento de mundo, o aluno vai ter todo um contexto sociocultural e pessoal, isso vai se dá por meio de lembranças, livros lidos, documentários assistidos, filmes, lugares que viajou entre outras experiências. Há enfim uma internalização que faz parte do seu contexto

social. Essa linguagem é mais individual quando se misturada a outros contextos, outras culturas, onde certos linguajares são estranhos a uma região e tão comum em outra, como o “oxente” nordestino e o “sô” sulista.

Uma das premissas das Orientações Curriculares Nacionais- Língua Estrangeira (1998) é fazer uma reflexão sobre o conceito educacional, trabalhar a cidadania, a inclusão e exclusão social, bem como trabalhar novos letramentos que incrementem as orientações pedagógicas.

Falar em educação hoje vai além das estruturas gramaticais quando se refere à língua estrangeira. Embora o documento retrate que a gramática é fixa, homogênea e descontextualizada, é preciso que o professor utilize temas que se apropriem do conhecimento de mundo desses alunos para depois inserir o conhecimento sistêmico. Trabalhar a gramática isoladamente se torna difícil para o aluno ter uma apreensão do conteúdo passado. Segundo Fiorin (2015, p. 50):

O indivíduo não pode criar nem modificar a língua. A aprendizagem põe em jogo as capacidades receptivas e coordenativas, pois a língua é um registro passivo que não supõe meditação nem reflexão. A fala é momentânea e varia de indivíduo para indivíduo.

Quando trazemos à tona essas reflexões de Fiorin (2015), queremos reafirmar que a gramática não deve ser trabalhada isoladamente, uma vez que as regras já estão postas lá. Pelos estudos linguísticos a língua é tida como sincrônica e diacrônica. A primeira expõe a língua como um conjunto fechado, que apresenta regularidade e homogeneidade, e a segunda vai mostrar as mudanças que a língua apresenta ao longo do tempo. É nesse percurso da língua que venho apresentar as posições dos alunos e suas experiências internalizadas, pois a língua ao mesmo tempo em que é posta para eles como algo fechado (regras gramaticais), em outro momento é algo que sofre alteração ao longo do tempo. Essa é a razão pela qual venho defender aqui que o aluno que é “enchido” de conhecimentos gramaticais, sem aproximação com o seu conhecimento de mundo, não fixa uma nova língua, a trata com indiferença, negligência.

Segundo Paulo Freire (1995), a construção de conhecimento pelo sujeito tem as dimensões políticas, econômicas, sociais e culturais do espaço onde ele vive. No seu modo de ver, o sujeito, a comunidade e o mundo têm um papel fundamental na construção do conhecimento individual e coletivo. O mesmo mostra o seu próprio conhecimento de mundo no meio local.

Antes de tornar-se um cidadão de mundo, fui e sou um cidadão de Recife, aqui cheguei a partir do meu quintal, no bairro da casa Amarela. Quanto mais enraizado na minha localidade, tanto mais possibilidades tenho de me espriar, de mundializar. Ninguém se torna local a partir do universal”. (Freire, 1995, p.25).

ANTUNES (2005) reforça o que Paulo Freire afirma, quando descreve que o processo de construção do conhecimento parte sempre de termos relacionados ao contexto do educando e da compreensão inicial que este tem do problema, para, através de um processo dialógico, da relação entre educando e educadores, ir ampliando a compreensão dos alunos, construindo e reconstruindo novos conhecimentos.

Para os PCN-LE (1998), há a afirmação de que para aprender uma nova língua, primeiro o aluno precisa dominar a sua língua materna, pois é justamente com esse conhecimento que ele vai aplicá-la na aprendizagem de uma nova língua, assim, os PCN-LE vão abordar tanto o conhecimento de mundo, como o sistêmico e textual, que nesse ínterim vão constituir a formação do aluno. Para tanto, é preciso que o professor explore o livro didático, não apenas em seu conteúdo, mas transformando as atividades de modo que elas sejam voltadas para mundo dos alunos. Acredito que o conhecimento

de mundo faça parte da vida dos alunos, cada um com a sua singularidade. Ninguém é sabedor de tudo.

O termo que me faz aproximar esse conhecimento de mundo é o letramento. Há quem confunda letramento com alfabetização. Não existe grau zero de letramento, pois vivemos em uma sociedade onde as práticas de letramento nos rodeiam. Para Tfouni (2006) “Enquanto a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade.” (p.20). Nesse ínterim, faço aqui uma junção do letramento ao conhecimento de mundo. Ao mesmo tempo que o aluno convive com práticas letradas, ele internaliza um conhecimento dentro dele.

#### PROFESSOR X ALUNOS: O CONHECIMENTO COMPARTILHADO

Uma vez que esse trabalho trata de observar os alunos do EJAEF (Educação de jovens e adultos) e entender como as aulas de inglês são assimiladas por eles, vamos agora traçar os parâmetros de como essas aulas foram ministradas em sala de aula e quais técnicas o professor utilizou para passar o aprendizado. Ao observar o professor e a sua turma, notei que havia confiança e respeito entre eles. O professor trabalhou com exercícios voltados para a aquisição de vocabulário, para isso, ele entregou uma lista de cognatos e falsos cognatos da língua inglesa a cada aluno. O professor pediu que eles relacionassem com a língua materna as palavras que se assemelhavam com a língua portuguesa. Como forma de se aproximar da turma, o professor além de explicar a atividade no quadro, acompanhou a produção de cada aluno, tirando suas dúvidas, orientando-os de mesa em mesa. Cada aluno recebeu material para exercitar em sala de aula, orientando-os de carteira em carteira.

Os vocabulários ensinados foram sobre pessoas da família, nesse mesmo tópico, o professor trabalhou também com palavras antônimas para descrever melhor o vocabulário família e permitindo aos alunos fazer comparações. Assim foram dados os seguintes exemplos: *mother* é antônimo de *father*, *brother* é o antônimo de *sister* entre outros. Outra atividade interessante trabalhada em sala de aula foi o exercício com palavras cruzadas, uma proposta divertida, onde os alunos puderam encontrar as palavras nas mais misturadas letras. Isso tudo com auxílio do professor.

O trabalho do professor foi também investido em repetições, onde ele perguntava a tradução das palavras e depois pedia que os repetissem para melhor desenvolvimento fonético e fixação dos significados. Quando o professor trabalhou a temática família, houve uma conversa entre eles e os alunos. Alguns alunos descreveram as suas vidas pessoais, falando de suas próprias famílias, quantos irmãos tinham. Sobre os nomes de seus pais, maridos, esposas, se tinham filhos. No meu ponto de vista, a aula ficou rica e aproximou os alunos do conteúdo proposto da língua inglesa. Não bastava apenas o professor passar uma relação de palavras para eles decorarem, mas ao levar o vocabulário em inglês remontando às famílias de seus alunos, ele estabeleceu um canal de comunicação, aproximação com o conhecimento de mundo deles.

Outro tópico abordado em sala de aula foram os adjetivos mais comuns da língua inglesa. O professor explicou que esses adjetivos eram importantes, pois fazem parte da vida dos alunos, tanto dentro como fora da sala de aula. São palavras que são usadas no contexto social. O material fornecido pelo professor continha cem palavras para os alunos desenvolverem a criatividade e pudessem traduzi-las. O professor desenhou no quadro uma tabela para melhor entendimento e os acompanhavam com as identificações das palavras. Eram palavras usadas no dia a dia como: *beautiful*, *cold*, *cool*, *good*, *bad*, *young*, etc...

Essas palavras fizeram parte do contexto ensinado em sala de aula, o que facilitou um pouco o entendimento dos alunos. Na sala de aula, participava uma média de quinze alunos, o que possibilitou à atenção dada pelo professor. Os gestos também foram de suma importância, pois o professor utilizava palavras do dia a dia e as gesticulava para que os alunos desenvolvessem a criatividade e ao

mesmo tempo aprendessem os significados de cada palavra.

## ANÁLISE E DISCUSSÃO

Na sala de aula, verificou-se que alguns alunos tinham dificuldades em compreender e desenvolver palavras no exercício de vocabulário. No tocante ao *speaking*, a maioria apresentava receio em errar ou timidez para falar. Quando o professor escrevia no quadro as palavras em inglês e as gesticulava, mesmo entendendo as mesmas, eles tinham receio. Houve um trabalho de repetição por parte do professor. Houve um esforço por parte do professor ao tentar passar a o vocabulário para o alunos, pois alguns alunos mostraram certa reserva em participar das atividades, pois pareciam não possuir familiaridade com a língua inglesa e a dificuldade que tinham em interagir na aula era enorme, salvo algumas explicações dadas pelo professor.

As atividades propostas pelo professor eram individuais, ele dava assistência aos alunos, sanando suas dúvidas. Uma parte interessante da aula foi quando o professor colocou a lista de adjetivos no quadro e tentou captar o conhecimento prévio do aluno sobre cada palavra daquelas, o que eles achavam. Um aluno usou seu conhecimento de mundo quando assimilou a palavra *beautiful* e *futebol* como se as mesmas possuíssem o mesmo significado. Acredito que esse aluno tenha lido a palavra de trás para frente, por isso fez essa assimilação, ou até mesmo na pronúncia final “fu” de *beautiful* e inicial “fu” de *futebol*. Pode ser também que ele possua gosto pelo esporte futebol. Foi algo interessante essa parte da aula. Em como o conhecimento não é fechado, nos levando a lugares inimagináveis, sendo a língua sempre cheia de sentidos.

A palavra *bad* também foi usada pelo professor para buscar o conhecimento de mundo que o aluno possuía, assim, ele perguntou a turma: O que significa *bad boy* Um aluno respondeu: menino mau. Esse mesmo aluno usou o seu conhecimento de mundo, pois no seu dia a dia, através da informalidade, ele conhecia o significado da palavra. Além disso, ele complementou que tinha uma camisa com uma caricatura do menino mau e essa frase em inglês.

O vocabulário trabalhado em sala de aula sobre pessoas da família foi interessante. Quando o professor propôs a lista no quadro e entregou uma folha a cada um para que os mesmos enumerassem as traduções, entre as palavras, *father*, *mother*, *brother*, nessa parte da aula o professor tentou falar a linguagem dos alunos em um tom cordial, usando a palavra *brother*, ele se expressou: *Vocês já ouviram essa expressão: diga aê brother* O professor, ao tomar essa postura, tentou se apropriar do conhecimento de mundo dos alunos, pois a palavra *brother* faz parte do contexto deles, e eles até se divertiram, e passaram a compreender o significado real de *brother*, pois alguns traduziram como *xará*, *companheiro*, *amigo*.

No tocante a tradução de certas palavras, observou-se que os alunos não utilizavam um dicionário, somente o professor traduzia as palavras, causando assim certa dependência das explicações do professor para poderem desenvolver. Poucos alunos participavam ativamente da aula, mesmo errando, eles não se intimidavam em aprender, embora com traduções completamente diferentes, eles tentavam desenvolver. Essa parte foi instigante, uma vez que os alunos se sentiam a vontade para se expressarem, de forma espontânea. Durante o decorrer das aulas apresentadas, observou-se a falta de assiduidade dos alunos. Aqui retomo ao que já falamos antes. Vamos nos atentar para essa falta de assiduidade. Por que alguns alunos não vão para as aulas Será que estão cansados Desestimulados Até quando eles vão ficar se matriculando nas turmas do EJAEF Será que essa modalidade está de fato englobando os alunos que não estudaram lá atrás. Se há a oferta de turmas para o EJAEF, isso me faz entender que também tinham as séries normais e mesmo assim eles não cursaram. Aqui chegamos a uma conclusão: o problema não está na oferta de turmas, está na estrutura social, familiar. Na falta de incentivos financeiros aos estudos, pois muitos têm que trabalhar para sobreviver. São poucos que têm o privilégio de serem orientados e apoiados a estudar, pois as condições financeiras lhe tiram essa oportunidade.

Vale aqui refletir que de um lado as oportunidades são dadas, turmas são ofertadas, a escola está lá sempre lá, como palco para receber a todos, mas nem todos podem atuar nessa disciplina que se chama educação.

O inglês está inserido na grade de cada aluno, ressalto aqui que se já é difícil esses alunos se dedicarem as matérias que eles tenham compreensão, imaginem a uma disciplina que não é a sua língua. Nas aulas observadas, o que de fato aproximou os alunos da língua proposta foi trabalhar com exemplos que se aproximassem da realidade deles, essa atitude do professor aguçou o interesse de alguns. Não posso aqui afirmar que a turma participou de forma ativa, alguns se reservavam mesmo. Pais e mães de família, ali, tentando o diploma de conclusão do ensino fundamental.

Pensar a educação efetiva vai além de freqüentar a escola. É preciso ser impulsionado a concluir aquilo que se começou. Parece que as oportunidades estão sempre lá, a escola está lá, os professores estão lá, mas os alunos, onde estão eles Perdidos em suas dificuldades Seus problemas Desafiados a trabalhar para se manter Que inclusão é essa que exclui Que aproxima e distancia Que está e não está

Trazendo toda essa complexidade para a nossa temática em questão, podemos aqui meditar sobre os desafios que esses jovens e adultos têm ao freqüentar as aulas de inglês. É preciso uma vontade de aprender, um professor criativo, que façam das suas aulas verdadeiras mágicas, que prendam a atenção do aluno. Acredito que toda disciplina ensinada deve ser contextualizada com outras disciplinas. Para mim o conhecimento de mundo é um facilitador da transmissão do ensino, o professor que se atém a esse fato, fará das suas aulas um elo com os seus alunos. Segundo Fiorin (2015, p.162)

A aquisição da língua envolve, necessariamente, a experiência com a língua. À medida que a criança vai expondo-se mais a mais a eventos de língua, e vai pondo a língua em prática, mais e mais arraigadas vão ficando as rotinas associadas às expressões linguísticas que ela experiencia.

Esses apontamentos feitos pelo autor são voltados para a língua materna, sua vivência, seus primeiros contatos como mundo. A criança quando nasce já está submetida à linguagem, sendo inserida a visualizar nas figuras seus primeiros contatos com o nome das coisas. Como por exemplo, falamos "au au" para criança no referindo ao cachorro e ela aprende que ele é o "au au", mas esse "au au" é porque ele late, ela porém não tem noção disso, que há essa significância. A criança aprende por associação. Aliás, nós também aprendemos por associação. Um conhecimento é amarrado no outro e assim faz sentido. No tocante ao aprendizado da língua inglesa, a primeira associação que fazemos é com a nossa língua materna. E para tanto fazemos comparações com as palavras parecidas, tentamos traduzir da mesma forma, com o mesmo entendimento.

Para Fiorin (2015, p.59),

[...] a ordem da língua é distinta da ordem do mundo, o que significa que cada língua pode organizar o mundo diferentemente. Em inglês, distinguem-se *sheep*, que designa o animal carneiro, e *mutton*, que denota o carneiro preparado para o alimento; em português essa distinção não existe, pois tanto podemos dizer *O carneiro precisa ser tosquiado*, como *O carneiro está delicioso*.

Assim, além do conhecimento de mundo, o conhecimento linguístico também é importante, uma vez que cada língua tem a sua particularidade, suas regras. O que vai haver na verdade é uma interligação de conhecimentos, os quais foram apontados no início desse trabalho; o conhecimento de mundo, o conhecimento sistêmico e o conhecimento de produção textual.

Diante do exposto, podemos observar que ensinar é um contínuo desafio no tocante ao ensino público. Conforme estabelece os PCN-LE (1998) os conhecimentos citados anteriormente farão com que os alunos possuam capacidade e melhor desenvoltura em sala de aula.

“O alfabetizado já sabe que a língua também é cultura, que o homem é sujeito: sente-se desafiado a desvelar os segredos de sua constituição; a partir da construção de suas próprias palavras, também construção do seu mundo. (FREIRE, 2005, P. 11)”.

Assim, para Freire (2005) o homem é desafiado a se descobrir, construindo suas próprias palavras, o que de certo modo aponta para a construção do seu mundo. Enquanto indivíduo atua, completa-se e transforma a partir do conhecimento.

O ensino possui várias vertentes e mediante esse pressuposto, não dá para estabelecer apenas um método de ensino ou mesmo apontar desinteresse por partes dos alunos sem fazer uma análise mais profunda sobre a questão. No dia a dia lhe damos com vários tipos de alunos; há os alunos ávidos visuais, o aluno sensorial, há aquele aluno que precisa ouvir e escrever para fixar o aprendizado. O fato de o aluno não está escrevendo não significa desinteresse por parte dele, esse mesmo aluno pode ter uma desenvoltura maior nas provas do que aqueles que copiavam as matérias dadas, pois ele foi capaz de ouvir a aula e guardá-la na mente.

Conforme preconiza os PCN-LE (1998, p.67), um dos objetivos da língua estrangeira é:

Vivenciar uma experiência de comunicação humana, pelo uso de uma língua estrangeira, no que se refere a novas maneiras de se expressar e de ver o mundo, refletindo sobre os costumes ou maneiras de agir e interagir e as visões de seu próprio mundo, possibilitando maior entendimento de um mundo plural e de seu próprio papel como cidadão de seu país no mundo.

A Alfabetização para Freire (2005) não consistia em ensinar a ler e a escrever, mas tinha um significado maior de ampliar seu mundo por meio do conhecimento e de sua participação social no contexto em que está inserido. Para alcançar esse objetivo, o educador na pessoa de Paulo Freire se utiliza do “círculo de cultura”, que constitui o universo cultural de cada sujeito. Aquilo que cada indivíduo sabe por meio de suas experiências na sociedade e por meio de seus conhecimentos culturais.

Para Tfouni (2006, p.15); “[...] a alfabetização, enquanto processo individual, não se completa nunca, visto que a sociedade está em contínuo processo de mudança, e a atualização individual para acompanhar essas mudanças é constante”.

Assim, tanto Freire (2005) quanto Tfouni (2006) corroboram entre si no tocante a alfabetização, visto que em ambos o indivíduo é visto como o ser que nunca está completo, estando na sociedade em constante desenvolvimento.

Nesse ínterim, se torna primordial que o aluno obtenha um acervo de leitura, diferentes contextos socioculturais. Como exemplo, ele pode adquirir esse conhecimento assistindo a filmes educativos, ler jornais, revistas, viajar, participar de outras culturas. Esse pré conhecimento vai ajudá-lo a se sair bem na escola, a fazer assimilações com outras disciplinas, principalmente às de língua estrangeira, onde o conhecimento prévio nos ajudará a assimilar conteúdo em outros idiomas, os quais não temos domínio.

Esse acervo cultural pode ser trabalhado pelo professor, mas tudo dependerá principalmente da

comunidade que o aluno vive, quais são as suas bagagens culturais, em qual contexto está inserido: socioeconômico, sociocultural e quais contribuições ele leva para a sala de aula. Quanto mais bagagem tiver, melhor será para a apreensão do conhecimento sistêmico bem como o conhecimento de produção textual.

Segundo os PCN-LE(1998, p.29), o conhecimento sistêmico

[...] envolve os vários níveis da organização lingüística que as pessoas têm: os conhecimentos léxico-semânticos, morfológicos, sintáticos e fonético-fonológicos. Ele possibilita que as pessoas, ao produzirem enunciados, façam escolhas gramaticalmente adequadas ou que compreendam enunciados apoiando-se no nível sistêmico da língua.

Assim, para que o aluno possa escrever algo, é necessário que ele tenha em mão esse aporte linguístico, gramatical, sistemático, onde a língua opera. Já o conhecimento de mundo PCN-LE (1998, p.30),

[...] Se refere ao conhecimento que as pessoas têm sobre as coisas do mundo, isto é, seu pré conhecimento do mundo. Ficam armazenados na memória das pessoas conhecimento sobre várias coisas e ações, por exemplo, festas de aniversário, casamentos [...]

No meu ponto de vista o conhecimento de mundo é o que vai dar base aos outros, pois ele acontece primeiro, já está internalizado em nós. Na prática em sala de aula, praticamos o conhecimento sistêmico, com a inserção da gramática a partir do conhecimento de mundo. E Por fim, os PCN-LE (1998, p.31), vai definir o conhecimento de organização textual como

[...] tipo de conhecimento que o usuário de uma língua tem engloba as rotinas interacionais que as pessoas usam para organizar a informação em textos orais e escritos. Por exemplo, para dar uma aula expositiva é necessário o conhecimento de como organizar a informação na interação, que é de natureza diferente da organização da informação em uma conversa.

A partir dos três conhecimentos descritos, podemos inferir que os conhecimentos se complementam entre si e que um depende do outro para seus propósitos de aprendizagem interacionais e comunicativas. Podemos observar que as aulas ministradas no espaço escolar do qual trata esse artigo, o professor utilizou em certos momentos o conhecimento de mundo dos alunos, aplicando o conhecimento sistêmico. Certamente com esses dois conhecimentos desenvolvidos, os alunos serão capazes de desenvolverem o conhecimento textual, onde poderão conhecer os vários tipos de gêneros e suas leituras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo propôs analisar a forma pela qual a língua inglesa é concebida para a turma do EJAEF (Educação de Jovens e Adultos do ensino fundamental). Fizemos uma reflexão sobre a existência dessa modalidade de ensino, ressaltando a inclusão dessa modalidade pela exclusão em algum momento desses alunos nas suas séries normais.

Apontamos que a escola está sempre lá, a educação está ao alcance de todos, porém nem todos conseguem atingir. Há um empecilho que impede esses jovens e adultos de cursarem suas séries normais, e a isso apontamos as desigualdades sociais, a falta de investimento para que esses alunos se insiram na educação, tendo assim o suporte necessário. Muitos deles necessitam trabalhar, não têm o apoio em casa.

No meu ponto de vista, concordo que a educação está para todos, porém vejo uma ambiguidade nessa afirmação, está e não está, ou estão não estando. Conforme já afirmei, estudar é um privilégio para poucos, e não depende apenas de escolas, professores, é preciso ir além, se faz necessário que esses alunos recebam investimentos, bolsas trabalhos, apoio financeiro, para enfim ir até o final. E nesse contexto, aponto que aprender uma língua estrangeira se torna ainda mais desafiador.

Conforme mostrado em nossas análises, pudemos observar que o conhecimento de mundo é como uma ponte para o aprendizado da língua inglesa porque interliga o conhecimento dos alunos aos conteúdos dos livros, trazendo assim uma aproximação com a realidade desses alunos, ainda apontamos que o conhecimento prévio, unido ao conhecimento sistêmico, vai permitir uma maior organização textual.

## REFERÊNCIAS:

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental: Língua Estrangeira**. Brasília: MEC/SEF. 1998. CRISTOVÃO, V. L. L. **O gênero quarta-capa no ensino de Inglês**. In DIONISIO, A.P.; MACHADO, A.R.; BEZERRA, M.A. (org.) *Generos Textuais & Ensino*. 2ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

ANTUNES, A. **Revista Pátio** – Editora Artmed, Ano VIII, nº32 (novembro de 2004 a janeiro de 2005) .

FIORIN, José Luiz. **Linguística O que é isso** 1ª ed. São Paulo. Contexto. 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**, 43ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e terra, 1996.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização**. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6 ed. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.